

PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

GRIPE DAS AVES

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia

Exma. Sras. Deputadas e Srs. Deputados

Exmo. Sr. Presidente do Governo

Exma. Sra. e Srs. Membros do Governo

O vírus *Influenza* não é um organismo patogénico desconhecido, a sua existência data de longo tempo e a sua acção maléfica marcou por várias vezes a população humana.

Ora, estamos novamente na presença deste vírus e a sua forma “altamente patogénica” *influenza A(H5N1)*, já se encontra na União Europeia, embora até ao momento em aves selvagens.

Foi encontrado na Grécia, Hungria, Áustria, Eslovénia, Itália, Alemanha e França, significando um movimento crescente na expansão desta epizootia e uma maior proximidade aos Açores, o que se torna intensamente inquietante.

Esta patologia animal continua, assim, a percorrer longas distâncias e a alastrar-se para novos espaços geográficos, aumentando a probabilidade de haver a transmissão da gripe aviária de alta patogenicidade das aves



Grupo Parlamentar

selvagens para as aves domésticas. Situação que pode levar à ocorrência de uma panzootia.

O vírus vai, deste modo, somando territórios e segue a sua incessante procura por novos hospedeiros.

Esta realidade poderá, contudo, agravar-se, dado que as aves migratórias iniciarão, em breve, a chamada “migração de primavera” do sul para o norte, ou seja, desde África até aos locais de nidificação na Europa e Rússia.

Porém, e apesar dos Açores se situarem fora das rotas migratórias preferenciais das aves selvagem, esta possibilidade não está excluída, uma vez que outros pontos do globo estão a ser contaminados, quando até ao momento o epicentro do problema estava confinado ao Continente Asiático.

Neste sentido, e durante a migração primaveril existe um fluxo migratório directo para os Açores e há outro que passa perto.

Isto justifica que sejam encontradas nos Açores, além das aves que normalmente vêm nidificar, outras que por consequência de adversidades climáticas que se deparam na sua trajectória, são obrigadas a arribar nos Açores.

A situação torna-se preocupante porque se desconhece com exactidão estes fenómenos de dispersão e a maior ou menor capacidade de algumas aves transportarem o vírus. Algumas espécies de anátídeos parecem conseguir sobreviver, mesmo percorrendo grandes distâncias.

Ademais, constitui um grave risco as aves que tendo estado doentes sobreviveram à doença e as aves que estando doentes não expressaram a enfermidade. Isto quer dizer que a nossa maior vacina, o oceano que nos rodeia, pode ser ultrapassada.

Até agora a forma letal sobre os humanos deve-se, exclusivamente, á gripe das aves enquanto zoonose, ao contacto humano com aves domésticas, provocando a morte em países como, a China, Indonésia, Iraque, Turquia, Tailândia, Vietname, Cambodja e Índia.

Mas, o maior problema reside na possibilidade do vírus H5N1 poder recombinar-se, sofrer mutação de maneira eficaz ou de algum outro subtipo e haver transmissão epidémica de pessoa-a-pessoa, ou melhor ocorrer uma pandemia gripal. Aliás, a epidemia anual da gripe humana com a actual situação de epidemia aviar aumenta a probabilidade da recombinação ou mutação deste vírus numa estirpe de contágio inter-humano.

Não nos podemos esquecer que este vírus é conhecido por ter uma taxa de mutação rápida, mesmo durante uma única infecção. As últimas análises

efectuadas estão a provar que este vírus está mais ajustado ao ser humano, ou melhor, está a adaptar-se com sucesso.

No caso de uma existir pandemia gripal será inevitável a chegada do vírus a Portugal, será uma questão de tempo e, portanto, o problema dos outros mesmo muito distantes é também um problema nosso.

Há governantes que apontam um número para o horror, a morte seria na ordem dos 160 milhões de pessoas para a eventualidade de haver uma pandemia.

Meus Senhores, segundo as palavras do Secretário-geral da Organização Mundial de Saúde, a humanidade enfrenta o maior problema de saúde pública desde 1918.

Na verdade, durante os anos de 1918 e 1919 surgiu um novo subtipo do vírus *Influenza A* com transmissão inter-humana que propagou durante 4 a 6 meses, matando cerca de 40 milhões de pessoas.

Face a isto a situação e o cálculo de risco devem ser constantemente reavaliados e considerados, tendo em conta que alguns peritos afirmam que uma pandemia será inevitável dentro dos próximos cinco anos.

Mas, os efeitos sinistros desta enfermidade animal têm um vasto espectro de acção, que se fazem sentir para além da saúde humana.

Referimo-nos a danos económicos na produtividade implicando perdas nos rendimentos dos Produtores.

É evidente que as patologias nos animais destinados à alimentação humana e seus derivados possuem repercussões negativas de permanência imprevisível nas populações, dado que despertam desconfianças e medos nos consumidores.

Estas atitudes de contracção do público consumidor favorecem o surgimento de crises alimentares que se instalam de modo duradouro com consequências prejudiciais na economia de qualquer fileira alimentar, com especial significado em pequenas e médias produções.

A este propósito referira-se que ciclicamente se manifestam patologias que percorrem algumas das espécies animais que servem de alimento ao Homem, agora é, pela segunda vez e num curto espaço de tempo, as aves.

Meus Senhores, a Avicultura nos Açores, quer de produção e transformação quer a lúdica, poderá ser afectada, mesmo sem a presença desta patologia, à semelhança do acontecido no subsector bovino de carne aquando do aparecimento da enfermidade Encefalopatia Espongiforme Bovina (BSE), mais conhecida como doença das vacas loucas.

Este subsector mergulhou numa profunda crise de mercado com consequências economicamente nefastas para os Produtores e para a



Grupo Parlamentar

bovinicultura de carne da Região, derivada da falta de confiança dos consumidores neste produto.

Torna-se, portanto, imprescindível acompanhar muito de perto a fileira avícola Regional, para se compreender, em que medida os receios “psicológicos” dos consumidores estão a fazer estragos económicos.

Este acompanhamento permitirá o estabelecimento de meios que assegurem esta produção de características industriais e semi-indústriais e virada para o consumo doméstico.

Falamos de uma agro-economia que poderá na Região constituir um interessante elemento de diversificação com grandes potencialidades de desenvolvimento.

Convém, e nunca é demais referir, que os Açores estão em silêncio epizoótico, não existe nenhum caso de gripe aviária de alta virulência no seu espaço e é perfeitamente seguro comer-se carne de aves e ovos.

Ora, naturalmente deve-se evitar alarmismos públicos nesta matéria, mas não podemos confundir alarmismo com uma consistente, vital e actualizada informação que deve ser transmitida a todos nós enquanto cidadãos, dissipando-se as dúvidas e relembrando-se os perigos deste infeliz assunto.



Grupo Parlamentar

O silêncio em demasia com receio de se provocar um indesejável pânico é causador de descuidos nas populações que podem vir a ser fatais. Por outro lado, poderão as populações perceberem que a falta de comunicações oficiais de carácter periódico e organizado são um sinónimo de muita intranquilidade.

Num caso ou no outro uma correcta e eficaz informação de iniciativa oficial, que não seja constantemente conseguida a muito custo, quase a saca-rolhas, sossega as populações, evita especulações e contra-informações e contribui para a manutenção dos níveis de consumo.

Nestas conjunturas a notícia – informativa oficial têm sempre um carácter confortante, ao aludir para riscos e seus possíveis controlos.

È perante toda esta difícil situação relacionada com esta patologia animal onde ainda não se sabe qual será a verdadeira grandeza deste problema, que o Governo deve informar com transparência e regularidade esta câmara e os cidadãos sobre a evolução desta doença, nomeadamente, comunicando, os constantes aperfeiçoamentos dos sistemas de protecção da saúde pública, das medidas de vigilância sanitária, de biossegurança e outras. Até porque, o Governo poderá ter de tomar medidas de protecção muito próprias, atendendo à nossa distinta condição geográfica.

Disse

António Ventura